

Exmo. Sr. Wang Xiao Hui, Vice-ministro Executivo do Departamento de Publicidade do Comitê Central do Partido Comunista Chinês,

Exmo. Senhor. Embaixador da R. P. da China em Portugal, Cai Run,

Exmo. Senhor General Pinto Ramalho,

Exmo. Senhor General Rocha Vieira,

Distintos convidados,

Minhas senhoras e meus senhores,

É para mim uma honra o convite que me foi feito para proferir algumas palavras sobre o livro do Presidente da República Popular da China, Xi Jinping, sobre *A Governança da China*, e uma enorme responsabilidade o facto de integrar um painel de oradores tão ilustres. Os meus agradecimentos à organização desta sessão e os meus cumprimentos aos seus insignes representantes.

Xi Jinping, Presidente da República Popular da China, reúne no seu livro (e irei referir-me especialmente ao 1º volume publicado) um conjunto de textos que exprimem de forma reiterada e firme, o seu pensamento e a sua filosofia política, abrangendo aspectos tão diversos como a reflexão sobre a especificidade do “socialismo com características chinesas” na nova era, questões de economia, ambiente, relações internacionais e coexistência pacífica, bem como a cultura, a Iniciativa Nova Rota da Seda e muito mais que não poderá ser abordado nestas minhas breves palavras.

Enquanto cidadã de Portugal, um país que tem com a China uma longa história de cooperação por via de Macau, e não só, aprofundada por uma parceria estratégica global desde 2005, mas também na minha qualidade de directora do Instituto Confúcio da Universidade de Lisboa, a leitura deste livro revelou-se particularmente estimulante e esclarecedora.

Logo no início do 1º volume publicado em 2014, num texto datado de 2012, o então Secretário-geral do Partido Comunista Chinês e actual Presidente da República Popular da China expressa com clareza o que considera ser a sua responsabilidade como dirigente: “Nós assumimos essa grande responsabilidade ante o povo. Nosso povo é um grande povo. Durante o longo curso da história, o povo chinês, dependendo do seu próprio labor, coragem e sabedoria, criou um belo lar onde todas as etnias convivem harmoniosamente e cultivou uma excelente cultura com uma longa história que se mostra a cada dia mais dinâmica. Nosso povo ama a vida e deseja ter melhor educação, trabalhos mais estáveis, rendimentos mais satisfatórios, melhor segurança social, melhores serviços médicos e de saúde, condições habitacionais mais cómodas e um ambiente mais bonito. Nosso povo espera ainda que seus filhos possam crescer, trabalhar e viver melhor.” (4)

No final desse mesmo texto, chama, ainda, a atenção para a necessidade de “a China e o mundo [...] se conhecer[em] melhor”. (5)

De então para cá, o mundo, incluindo o deste nosso cantinho da Europa à beira Atlântico plantado, passou a conviver com a China de forma muito mais frequente e próxima, estando a conhecê-la melhor a cada dia, quer por via dos investimentos e das crescentes trocas comerciais, quer por via de um cada vez mais alargado

ensino, entre nós, da língua e da cultura desse país, complementado por um fluxo turístico crescente em ambas as direções.

Por outro lado, os anseios do povo chinês expressos por Xi Jinping têm vindo a ser aceleradamente concretizados. Com efeito, a mudança tem sido tão significativa que já há quem considere que o povo chinês é o mais optimista da actualidade, mais do que os europeus e até do que os americanos, visto que milhões de pessoas têm adquirido uma nova prosperidade e confiança na concretização das suas expectativas.

E é esta melhoria na vida do povo chinês e da China como país, que dá novo fôlego à expressão “sonho chinês”, aspecto também abordado por Xi Jinping no seu livro.

O poeta português António Gedeão afirma num poema célebre que o sonho é uma coisa “concreta e definida”, que conduz a criações tão especiais como, por exemplo, a “caravela quinhentista” que levou os portugueses a terras do oriente. E termina afirmando “que o sonho comanda a vida, / que sempre que um homem sonha / o mundo pula e avança / como bola colorida / entre as mãos de uma criança.”

Acontece que, tendo dedicado grande parte da minha vida profissional ao estudo da literatura e cultura dos Estados Unidos, país novo que nasceu precisamente do sonho dos seus fundadores, fui podendo avaliar melhor o poder transformador do sonho na vida de uma comunidade e de um país.

E também perceber a diferença e a especificidade do sonho chinês, explicitado por Xi Jinping como um enorme esforço de revitalização nacional, que conjuga quatro vertentes de grande relevância: (1) o poder económico, político, científico e tecnológico, e também negocial e militar, (2) uma cultura tradicional, mas também moderna que se funda na moralidade e na equidade, (3) uma preocupação com a harmonia e o bem-estar para todos e com a diminuição da desigualdade entre classes sociais e, por fim, (4) uma atenção à necessidade de se conseguir construir um meio ambiente mais saudável, dando marcada prioridade à obtenção de níveis reduzidos de poluição. Escreve o autor: “Na minha opinião, realizar a grande revitalização da nação constitui o maior sonho da nação chinesa desde o início da época moderna. Este sonho condensa os desejos das várias gerações de chineses. A história ensina-nos que o futuro e o destino de cada um estão estreitamente vinculados com os do país e da nação.” (42)

E estabelece metas concretas: “Estou firmemente convencido de que será alcançada a meta de concluirmos a construção integral de uma sociedade modestamente confortável até ao centenário da fundação do Partido Comunista da China em 2021; será também alcançada a meta de concretizar a transformação do nosso país num país socialista moderno, próspero, poderoso, democrático, civilizado e harmonioso até ao centenário da fundação da nova China em 2049, realizando o sonho da grande revitalização da nação chinesa.” (42-43) Este é um programa ambicioso e também generoso, visto que, como afirma num outro texto, “O sonho chinês é, afinal de contas, o sonho do povo.” E visa construir “um governo de serviço, responsável, limpo e regido pela lei e mobilizando plenamente a iniciativa do povo.” (47) Num outro texto ainda, destaca o papel dos jovens na concretização deste sonho nacional, referindo, entre outros imperativos o seguinte: “Os jovens devem ter coragem para inovar e criar. A inovação é a alma do progresso de uma nação e uma fonte inesgotável para a

prosperidade e desenvolvimento de um país, assim como o dom mais profundo da nação chinesa. É como diz Confúcio: ‘Ao se renovar um dia, deve fazer-se isso todos os dias para que a renovação seja constante.’ A vida nunca favorece aqueles que se agarram às regras antigas e se contentam com o *status quo*, nem espera por aqueles que ficam sentados desfrutando dos frutos do trabalho alheio sem querer progredir. Ao contrário, a vida dá sempre mais oportunidades para aqueles que sabem e se atrevem a inovar. Os jovens são o grupo mais dinâmico e criativo da sociedade e devem naturalmente andar na vanguarda da inovação e invenção.” (61)

É, sem dúvida, de assinalar este incentivo poderoso à inovação e à coragem dos jovens para seguirem por caminhos novos, de certo modo exigindo-lhes que, aprendendo com as gerações anteriores, se atrevam a ir mais além no aprofundamento do conhecimento e das suas aplicações práticas na resolução de problemas concretos, algo que é sobremaneira valorizado nos nossos dias também em Portugal.

Mas Xi Jinping elege ainda um outro propósito relevante, o da moralização a nível do comportamento de todos e, em especial, dos servidores do estado. Assim, afirma reiteradamente ao longo de vários textos do seu livro e, por exemplo, num discurso de 2014, que “as condutas nocivas e os problemas referentes à corrupção causam impactos negativos na sociedade e estão à espera de soluções.” (477) É de notar que, no seu apelo ao esforço por se conseguir obter uma conduta exemplar da parte de todos não isenta de responsabilidades os próprios quadros do Partido. Esta é uma matéria de grande actualidade em todo o mundo e difícil será não se concordar com os princípios expressos pelo autor, e cito: “Como quadros do Partido, devemos ser desinteressados, distinguir bem os interesses pessoais dos interesses públicos, colocar o que é público em primeiro lugar e até esquecer os interesses pessoais diante dos interesses públicos.” E acrescenta: “O dinheiro público pertence à população e não podemos gastá-lo à toa, nem sequer um centavo. O poder público é para servir o povo e não pode ser usado de maneira nenhuma para interesses pessoais.” (478)

Um outro aspecto fundamental do pensamento e da acção de Xi Jinping referido no seu livro é a Iniciativa por si já apresentada em 2013, designada "Faixa económica da rota da seda e a Rota da seda marítima do século XXI". Escreve o autor: “No decorrer de milhares de anos, os povos de diversos países ao longo da antiga Rota da Seda escreveram juntos um capítulo de amizade. Essa história de intercâmbios com mais de 2000 anos demonstra que nações de raças, crenças e culturas diferentes podem partilhar a paz e o desenvolvimento com base na união e confiança mútua, na igualdade e no benefício recíproco, na inclusão e assimilação mútua.” (346)

É esta experiência milenar da China que, como afirma Xi Jinping, foi uma “inspiração preciosa” (346) para a sua proposta de uma nova fase de cooperação alargada e intensificada entre países, assente em cinco “áreas específicas”, nomeadamente (1ª) a “comunicação e respeito”: “Os países podem promover uma discussão completa sobre estratégias e medidas de desenvolvimento económico,” e cooperar “sob o princípio de procurar os pontos comuns e manter as diferenças.”(2ª) reforçar a intercoexão a nível de estruturas: “estamos dispostos a discutir com as partes envolvidas o aperfeiçoamento da infraestrutura de transportes transfronteiriços [assim] facilitando o desenvolvimento económico e o intercâmbio cultural e interpessoal

entre todos os países;” (3<sup>a</sup>) “reforçar o livre fluxo de comércio” em prol de “uma cooperação de benefício mútuo”; (4<sup>a</sup>) “reforçar a circulação da moeda, [o que se espera venha a aumentar ] a capacidade de resistência aos riscos financeiros”; (5<sup>a</sup>) e não menos importante, “aumentar o entendimento entre os povos. A amizade entre os povos é a chave para as boas relações entre os países. Para realizar melhor a nossa cooperação temos de contar com o apoio dos nossos povos, intensificar o intercâmbio amistoso e aprofundar a compreensão mútua.” (348-349)

Para tal, será de grande importância “insistir na credibilidade e na manutenção da harmonia” [para que os países possam conjuntamente] “consolidar constantemente a confiança mútua política e estratégica.” (351)

Muito fica por dizer sobre o livro e as múltiplas matérias que aborda, mas gostaria de não terminar sem sublinhar este último aspecto de extrema importância para o mundo complexo em que vivemos. Acredito que os países, as nações, as comunidades, as pessoas devem empenhar-se ativamente na construção de um mundo melhor, de relações pacíficas entre todos e de resolução das divergências por recurso ao diálogo e a um esforço de aproximação, sem desrespeito de uns pelos outros ou da especificidade própria de cada cultura e modo de pensar. É a importância disto mesmo que tenho vindo a constatar na experiência de trabalho quotidiano e ao longo de vários anos, no Instituto Confúcio da Universidade de Lisboa, local de encontro diário das culturas portuguesa e chinesa, que exige uma atitude de grande respeito e abertura ao outro, a par de cuidada diplomacia no relacionamento entre todos, de modo a que o projecto educativo nobre deste tipo de estruturas não se perca por querelas infrutíferas que em nada aproveitam aos destinatários do nosso labor, os alunos, sejam eles jovens universitários, empresários e pessoas de profissões diversas, ou até pessoas simplesmente interessadas em saber mais sobre a China, a sua língua e a sua cultura tão rica.

A concluir, acolho, assim, com esperança e elevada expectativa, as palavras do presidente Xi Jinping quando escreve: “O povo chinês ama a paz. Erguendo bem alto a bandeira da paz, desenvolvimento, cooperação e benefício mútuo, seguiremos sempre o caminho do desenvolvimento pacífico, aplicaremos sempre a estratégia de abertura baseada do benefício recíproco, [dedicando-nos] ao desenvolvimento da amizade e à cooperação com todos os países do mundo, cumpriremos devidamente as responsabilidades e obrigações internacionais e continuaremos, junto com os demais povos do mundo, promovendo a nobre causa da paz e do desenvolvimento da humanidade.” (49)

Teresa Cid

Lisboa, 26 de Novembro de 2018